

COMPORTAMENTOS DE RISCO NO TRÂNSITO EM ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS

FERNANDO SILVA GUIMARÃES¹; THAYNÃ RAMOS FLORES²; ANDRÉA
HOMSI DÂMASO³

¹ Programa de Pós-graduação em Epidemiologia, Universidade Federal de Pelotas –
guimaraes_fs@outlook.com

² Programa de Pós-graduação em Epidemiologia, Universidade Federal de Pelotas –
floresrthayna@gmail.com

³ Programa de Pós-graduação em Epidemiologia, Universidade Federal de Pelotas –
andreadamaso.epi@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

As causas externas são definidas pela Organização Mundial da Saúde (OMS) como lesões intencionais e não intencionais (BRASIL, 2001). Como consequência da última, estão os acidentes de trânsito que consistem na causa mais prevalente (23%) dentre as mortes por lesões e representam aproximadamente 80% das internações realizadas no Sistema Único de Saúde (SUS) por causas externas (BARROS et al., 2001). Os comportamentos de risco no trânsito são condutas adotadas por indivíduos que contribuem para a ocorrência de acidentes de trânsito ou também aquelas que colaboram para aumento da probabilidade de lesões em caso de acidentes (FILHO et al., 2017). A identificação e prevenção deste tipo de comportamento de risco é importante, pois cerca de 80% dos acidentes de trânsito podem ser atribuídos ao fator humano (SABEY, 1975) sobretudo em adultos jovens, principalmente pela falta de experiência e de percepção de risco (VALLASO et al., 2007).

Diante deste contexto, o objetivo deste trabalho foi descrever a prevalência de comportamentos de risco no trânsito entre estudantes da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), bem como identificar os fatores demográficos, socioeconômicos e comportamentais associados ao grupo de maior risco de comportamentos (\geq três).

2. METODOLOGIA

Estudo transversal, do tipo censo, realizado com estudantes, maiores de 18 anos de idade, que ingressaram na UFPEL no primeiro semestre de 2017 em cursos presenciais de graduação, e que deveriam estar regularmente matriculados. A coleta dos dados foi realizada por questionário autoaplicado e anônimo por meio de tablets, utilizando o programa *Research Electronic Data Capture* (RedCap). Os desfechos foram operacionalizados tendo como base as questões do instrumento do *Center for Disease Control and Prevention* (CDC) (DOUGLAS et al., 1997) e também foram incluídas duas questões do instrumento *Youth Risk Behavior Surveillance System* (YRBSS) (KAHN et al., 2014). Foi questionado o uso do cinto de segurança ao andar em veículo no banco da frente e no banco de trás, assim como frequência do uso de capacete ao andar de moto e bicicleta. Ainda, foi verificada a prevalência de trafegar em carro no qual o motorista ingeriu bebida alcoólica, dirigir algum veículo enquanto enviava mensagens de texto ou e-mail e falava ao telefone. Utilizou-se regressão logística multinomial para obter a *Relative Risk Ratio* (RRR), seu respectivo intervalo de confiança 95% (IC95%) e os valores de p da análise bruta e ajustada entre o

desfecho (\geq três comportamentos de risco no trânsito) e as variáveis de sexo, idade, cor da pele, tipo de escola do ensino médio, estado civil, nível socioeconômico, tipo de moradia, turno do curso de graduação, área do curso de graduação, inatividade física, consumo prejudicial de álcool, consumo de tabaco e consumo de drogas ilícitas. As variáveis foram incluídas na análise ajustada de acordo com seu nível no modelo hierárquico e selecionadas em *backward*, conforme cada nível e mantendo aquelas com valor $p < 0,20$. Para as análises estatísticas utilizou-se o programa STATA 15.1[®]. O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Medicina da UFPel e todos participantes do estudo assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram identificados 1.871 estudantes elegíveis para o estudo, sendo a maioria do sexo feminino (54,8%), com 18 a 24 anos (82,8%), de cor de pele branca (72,1%), tendo realizado ensino médio em escola pública (73,1%) e pouco mais de 90% eram solteiros. Ainda, 59,1% eram pertencentes a classe econômica A-B e 10,6% residiam em pensionato, república ou casa do estudante. Quanto a área do curso de graduação, 17,8% pertenciam a área da saúde e 53,6% tinham aulas no turno da manhã, tarde e/ou integral. Com relação a estilo de vida, 45,0% foram classificados como inativos fisicamente, 43,8% relataram ter usado algum tipo de droga ilícita ao menos uma vez na vida, 66,7% foram classificados como tendo utilizado álcool prejudicialmente e 11,0% eram tabagistas.

Aproximadamente 25,0% (IC95% 22,6;26,5) dos estudantes relataram não usar cinto de segurança “no banco da frente” ao andar em um veículo, enquanto que “no banco de trás” a prevalência foi de 68,3% (IC95% 66,1;70,4). Quanto ao uso de capacete, entre os estudantes que usaram moto, 8,0% (IC95% 6,8;10,2) referiram não usar e 97,4% (IC95% 96,3;98,2) afirmaram não utilizar ao andar de bicicleta. Ainda, 38,0% (IC95% 35,5;39,9) relatou ter andado em veículo no qual o motorista ingeriu bebida alcoólica, 18% (IC95% 16,1;20,3) dos estudantes que conduziram veículo nos últimos 12 meses afirmaram enviar mensagens enquanto dirigiam e 17,0% (IC95% 15,1;19,2) relataram falar ao telefone ao dirigir. Após o ajuste para os possíveis confundidores, permaneceram associadas ao desfecho as variáveis de turno do curso, uso de drogas ilícitas e uso prejudicial de álcool, sendo observado que universitários que fizeram uso de álcool de forma prejudicial tiveram probabilidade quase sete vezes maior [RP=6,41 (IC95% 3,40;12,10), $p=0,01$] de apresentar três ou mais comportamentos de risco no trânsito em comparação aos que não fizeram uso prejudicial de álcool (Tabela 1).

Até o momento não foram encontrados estudos associando número de comportamentos de risco no trânsito e turno do curso de universitários. Estudos anteriores com adolescentes (COUTINHO et al., 2013; BARBOSA et al., 2016) demonstraram que condutas de risco, tais como uso de tabaco e uso abusivo de álcool, são mais prevalentes em estudantes com aula a noite comparados aqueles que tem aula durante o dia. Ainda, estudos sugerem simultaneidade entre os comportamentos de risco no trânsito, uso de drogas ilícitas e de álcool (BARBOSA et al., 2016; FARIAS et al., 2009), o que pode indicar que os praticantes destas condutas possuem alguma motivação em comum, como tomar decisões de risco (*risk taking*) (ROMER, 2010), explicando em parte o grande efeito encontrado de uso de drogas ilícitas e álcool para três ou mais comportamentos de risco no trânsito. De forma mais ampla, indivíduos mais

jovens tendem a adotar condutas de risco com maior frequência quando comparados a faixas etárias maiores, o que merece devida atenção pois comportamentos de risco quando adotados de maneira precoce podem ser perpetuados para o resto da vida do indivíduo (COLARES et al, 2009).

Tabela 1. Análise bruta e ajustada entre três ou mais comportamentos de risco no trânsito e as variáveis independentes em estudantes ingressantes na UFPel no semestre 2017/1 (N=1.833), Pelotas, RS.

Variáveis Independentes	≥ três comportamentos de risco no trânsito	
	Bruta	Ajustada
Sexo	p=0,01	p=0,57
Masculino	1,0	1,0
Feminino	0,73 (0,52;1,04)	0,70 (0,48;1,01)
Idade	p=0,17	p=0,23
18 a 21	1,0	1,0
22 a 25	1,35 (0,82;2,23)	1,43 (0,84;2,43)
26 ou mais	0,60 (0,40;0,95)	0,67 (0,40;1,13)
Cor da pele	p=0,01	p=0,08
Branca	1,0	1,0
Parda	0,88 (0,53;1,45)	0,98 (0,55;1,75)
Preta	2,31 (1,13;4,72)	2,51 (1,11;5,71)
Estado civil	p=0,11	p=0,47
Solteiro	1,0	1,0
Casado ou união estável	0,55 (0,31;0,97)	0,65 (0,33;1,24)
Nível socioeconômico (ABEP)	p=0,19	p=0,27
A/B	1,0	1,0
C	0,82 (0,56;1,19)	0,79 (0,53;1,18)
D/E	0,46 (0,21;1,00)	0,40 (0,17;0,88)
Tipo de moradia	p=0,67	p=0,45
Pensionato/República/ Casa do estudante	1,0	1,0
Casa ou Apartamento próprio/alugado/cedido	1,04 (0,60;1,85)	1,22 (0,66;2,26)
Tipo de escola no ensino médio	p=0,43	p=0,88
Pública	1,0	1,0
Privada	1,29 (0,87;1,93)	1,16 (0,75;1,79)
Área do curso de graduação	p=0,08	p=0,10
Área da Saúde	1,0	1,0
Outras áreas	0,53 (0,32;0,90)	0,56 (0,30;1,00)
Turno do curso	p=0,06	p=0,04
Manhã/Tarde/Integral	1,0	1,0
Noturno	1,30 (0,91;1,84)	1,47 (0,98;2,24)
Inatividade física	p=0,58	p=0,65
Não	1,0	1,0
Sim	0,79 (0,56;1,12)	0,82 (0,57;1,16)
Uso de drogas ilícitas	p=0,01	p=0,01
Não	1,0	1,0
Sim	4,95 (3,27;7,45)	2,72 (1,73;4,30)
Uso prejudicial de álcool	p=0,01	p=0,01
Não	1,0	1,0
Sim	7,93 (4,47;14,00)	6,41 (3,40;12,10)
Tabagismo	p=0,01	p=0,54
Não	1,0	1,0

RRR: *Relative Risk Ratio*; IC95%: Intervalo de confiança de 95%

4. CONCLUSÕES

Até o presente momento não foram encontrados trabalhos sobre comportamentos de risco no trânsito em estudantes universitários e, ainda, utilizando amostragem do tipo censo. Apesar do estudo ser suscetível a vieses como o de não-respondentes, que poderia subestimar as prevalências dos desfechos analisados, o trabalho pode nortear um melhor conhecimento e compreensão sobre os comportamentos de risco no trânsito mais importantes neste tipo de população, podendo auxiliar no planejamento de estratégias de intervenções educacionais e políticas de incentivo a redução de comportamentos de risco no trânsito nesta faixa etária e nesse público universitário em especial.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Política Nacional de Redução de Morbimortalidade por Acidentes e Violência**. Brasília, 18 mai. 2001. Acessado em 28 ago. 2019. Online. Disponível em: <http://pesquisa.bvs.br/brasil/resource/pt/sus-11283>
2. BARROS, M.D.A.; XIMENES, R.; LIMA, M.L.C. Mortalidade por causas externas em crianças e adolescentes: tendências de 1979 a 1995. **Revista de Saúde Pública**, São Paulo, v.35, n.2, p.142-149, 2001.
3. SABEY, B.E.; STAUGHTON, G.C. Interacting roles of road environment, vehicle and road user in accidents. **Loughborough University Institutional Repository**, Loughborough, p. 370-386, 1975.
4. VALLASO, S.; SMART, D.; SANSON, A.; HARRISON, W.; HARRIS, A.; COCKFELD, S. Risky driving among young Australian drivers: trends precursors and correlates. **Accident Analysis & Prevention**, Melbourne, v.39, n.3, p. 444-458, 2007.
5. DOUGLAS, K.A.; COLLINS, J.L.; WARREN, C.; KANN, L.; GOLD, R.; CLAYTON, S. Results from the 1995 national college health risk behavior survey. **Journal of American College Health**, Atlanta, v.46, n.2, p.55-67, 1997.
6. KANN, L.; KINCHEN, S.; SHANKLIN, S.L.; FLINT, K.H.; HAWKINS, J.; HARRIS, W.A. Youth Risk Behavior Surveillance. **Morbidity and Mortality Weekly Report**, Atlanta, v.63, n.4, p.1-48, 2014.
7. COUTINHO, R.X.; SANTOS, W.M.; FOLMER, V.P.R. Prevalência de comportamentos de risco em adolescentes. **Cadernos de Saúde Coletiva**, v.21, n.4, p.441-449, 2013.
8. BARBOSA, F.N.M.; CASOTTI, C.A.; NERY, A.A. Comportamento de risco à saúde de adolescentes escolares. **Texto & contexto – Enfermagem**, v.25, n.4, p.1-09, 2016.
9. FARIAS JÚNIOR, J.C.; NAHAS, M.V.; BARROS, M.V.; LOCH, M.R.; OLIVEIRA, E.S.A.; DE BEM, M.F.L.; LOPES, A.S. Comportamentos de risco à saúde em adolescentes no Sul do Brasil: prevalência e fatores associados. **Revista Panamericana de Salud Pública**, v.25, p.344-52, 2009.
10. ROMER, D. Adolescent Risk Taking, Impulsivity, and Brain Development: Implications for Prevention. **Developmental Psychobiology**, v.52, n.3, p. 263-76, 2010.
11. FILHO, M.M.; CARVALHO, C.R.; GARCIA, E.D.P. Fatores associados à ocorrência de acidentes de trânsito entre universitários. **Ciência&Saúde coletiva**, v.10, n.2, p.62-70, 2017.